

## A JOVEM FAMÍLIA RECIFENSE E A CULTURA URBANA

PROF. DR. LUIZ ALENCAR LIBÓRIO\*

### Resumo

O autor visa a mostrar que o vazio existencial do homem o leva a construir a sua realização, criando diversos tipos de cultura: o debruçar-se do homem sobre a realidade circundante e circunstante. A cultura urbana do Recife não foge dessa dinâmica, especialmente com o trabalho doméstico e extradoméstico feminino da jovem família recifense, buscando sobreviver financeiramente e adquirir maior satisfação conjugal e familiar na difícil situação psicossocial e econômica em que está inserida.

**Palavras-chave:** cultura urbana, trabalho feminino, satisfação conjugal, jovem família.

YOUNG FAMILIES IN RECIFE AND URBAN CULTURE

### Abstract

The author aims to show that the existential void of man leads to his constructing his own realization, by creating various kinds of culture: man's bowing to his surrounding and circumstantial reality. Recife's urban culture is no exception to these dynamics, especially regarding domestic and extra-domestic work by women in young Recife families, which seek to survive financially and acquire greater conjugal and family satisfaction in the difficult psycho-social and economic situation in which it finds itself.

**Key-words:** urban culture, women's work, conjugal satisfaction, young families.

### Introdução

A *família recifense*, como “grupo social humano primário” e fundante da sociedade, é vista cada vez mais como muito *importante*, nesses tempos de céleres mudanças socioculturais, que atingem os valores e a dinâmica dessa organização iniciadora da sociedade pernambucana e brasileira.

\* Doutor em Psicologia da Família pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma e Professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).  
E-mail: [Laliborio@aol.com](mailto:Laliborio@aol.com)

Essa importância se torna mais evidente, em se tratando da *jovem família*<sup>1</sup> a dar os seus primeiros passos, ao nível estrutural e dinâmico, na constituição e no firmar-se como “família”, numa *cultura urbana metropolitana*, como a recifense.

A cultura urbana do Recife, sempre mais mutante, é caracterizada, também, em suas raízes, por uma *riqueza* herdada principalmente de uma miscigenação racial trihíbrida e, atualmente, pela férrea *vontade de viver* e pela *pobreza e miséria* com a conseqüente violência e relativização de valores a influenciarem o modo de ser e de ter da jovem família recifense, sujeito e objeto das mudanças psicossociais, ao perseguir um futuro melhor para todos e cada um de seus membros.

É, pois, nessa cultura urbana dicotômica – com uma luta renhida pela sobrevivência, no teimoso acalentar dos sonhos fundamentais da pessoa humana – que está a se debater a *jovem família* do Recife num mundo que se torna cada vez mais globalizado e controlado pela poderosa mídia com suas funções, mormente a de *inculcar*, nas mentes humanas, sonhos consumistas bem típicos do capitalismo neoliberal que aqui, viçosamente, se alastra, estabelecendo, no modo de viver das famílias, uma defasagem abissal entre os poucos muito ricos e os muitos escandalosamente pobres e miseráveis.

Esse artigo visa a mostrar e a refletir, no aspecto psicossocial, sobre a jovem família recifense de dupla carreira da classe média e baixa– imersa nessa cultura urbana pluralista, festiva e secularizada – que tenta, esperançosamente, a todo custo, pôr em gestação e fazer nascer o novo cidadão do amanhã desta metrópole, desta região e deste país.

Para isso, este artigo abordará os seguintes temas:

- 1- a cultura urbana do Recife;
- 2- o trabalho feminino e a jovem família recifense.

## 1 – A cultura urbana do Recife

Etimologicamente, a palavra *cultura* vem do verbo latino “colligere”, que significa “cultivar, colher” (Júnior-Cintra, 1956, 229). Amplamente, *cultura* pode ser definida como “um conjunto plurivalente, diversificado e, às vezes, heterogêneo de cosmovisões, representações, códigos, textos, narrações, rituais, modelos de comportamento, valores, símbolos públicos significativos, que constituem, em cada situação social determinada e nos diversos tempos, uma gama de *recursos*, utilizáveis pelos cidadãos, na busca de uma ampla realização” (Crespi, 1997, 22).

A cultura pode ser dividida em: a) *registrada (recorded)* – livros, textos escritos, filmes, meios eletrônicos e informáticos, toda a arte e produção do homem – e b) *não registrada (unrecorded)* – comportamentos, crenças, valores e artes vividos pelo ser humano, ao longo de sua existência (Crespi, 1997, 22-23), abrangendo vários âmbitos da vida pessoal e social.

Quanto à *intensidade de vivência e abrangência social*, a cultura pode ser concebida como: *dominante, contracultura e subcultura* (entendida, às vezes, como *cultura da pobreza*), podendo, também, ser entendida como: a) *cultura setorizada* – cultura das elites, cultura de classe, cultura das massas (ou popular), cultura feminina, cultura juvenil, cultura das minorias e cultura étnica com existência autônoma – e b) *cultura objetiva* – edifícios, meios de transporte, artesanatos, residências, estruturas viárias, parques e obras urbanísticas (Crespi, 1997) – juntamente com a *alma* que gerou tudo isso, a chamada *cultura urbana*.

A “cultura” é vista por R. Maurer como “aquilo que os homens fazem de si e de seu mundo e o que pensam e dizem deles” (Maurer, 1973, 823), especialmente, nas últimas décadas, com a *potente mídia*, também *eletrônica* (telefone, rádio, televi-

são, Internet e similares<sup>2</sup>) – “grande arena cultural – a impor mais ideologias e alienações que integração social e cultural” (Crane, 1997, 54-55).

De modo sintético, pode-se afirmar que *cultura* é tanto o *debruçar-se transformador* (biopsíquico e espiritual) do homem sobre a face da terra, quanto os *resultados* desse debruçar-se sobre esta, na busca constante de sua realização mais plena, quer como indivíduo, quer como grupo humano e membro de uma sociedade, como a recifense.

Esse atuar do ser humano sobre o seu “habitat” se deve à busca ôntico-existencial para preencher “vazios” em seu *ser*, gerador do e *dever*, carentes de objetos (frutos desse debruçar-se!) que o realizem como *existente* (“ex-sistere”) e de um sentido transcendental para essa caminhada espaço-temporal, na qual o *eu* (“self”), *alma* (agente) da ação cultural, também se enriquece com o produto cultural pelo fato de também “adaptar-se” (inteligência) à realidade a ser transformada (Battro, 1978, 138-139).

Para uma análise mais aprofundada desse debruçar-se da jovem família recifense, ao transformar a realidade, mister se faz uma visão mais acurada da *abrangência e importância da cultura* bem como da atual *cultura urbana* do Recife, na qual, teimosa e esperançosamente, se insere, lança raízes, trabalha e sobrevive a jovem família recifense, nos diversos e variados setores da cultura.

## 1.1 – A abrangência e a importância da cultura

A *abrangência da cultura*, na modernidade e pós-modernidade, é multifacetada – vai desde a cultura do “self” até a produção do direito, da política e do trabalho, passando pelas temáticas da linguagem, comunicação e os “mass media”, da formação e educação, da socialização e identidade do cidadão,

da concepção do mundo e das relações com a transcendência e a produção da arte e do urbanismo na sociedade.

O “vir-a-ser” do homem, devassante do futuro, visa, consciente ou inconscientemente, à *permanência dinâmica* num estado de realização e felicidade que não o desinstale na busca do “Mais” radicalmente perseguido. Isso leva a jovem família a “cozer o pão com o suor do seu rosto”, analisado psicossocialmente com esse artigo, em diversos âmbitos culturais, a começar pelo “self” (eu), como se verá a seguir.

a) A cultura do “self”

A formação da *cultura do “self”* (eu), na sociedade moderna e ou pós-moderna, tem as seguintes *diferenças* concernentes aos itens: 1) constituição do “self”; 2) assistência; 3) conceito de liberdade; 4) realização da liberdade; 5) programa de identidade e 6) modelo temporal e de desenvolvimento (Koslowski, 1991, 145).

- 1) A *constituição do “self”*. No que diz respeito à constituição do “self”, na sociedade moderna, o “self” se constitui essencialmente como *relação* em função dessa mesma sociedade, enquanto, na sociedade pós-moderna, a constituição do “self” é *substancial*, ou seja, o “self” é concebido como *pneuma, força* (espírito), mais visibilizado hoje nos movimentos carismáticos e fundamentalistas.
- 2) A *assistência* na cultura moderna é vista mais como uma *administração técnico-social*, enquanto, na cultura pós-moderna, é vista mais como o *cuidado consigo mesmo*, com pouca preocupação com o outro e o meio ambiente.
- 3) O *conceito de liberdade* na cultura moderna é concebido como o *aumento das opções*, enquanto,

- na cultura pós-moderna, é concebido como *opções essenciais* naquilo que é valor para o indivíduo.
- 4) A *realização da liberdade* na modernidade é vista como sendo a *autonomia* (ante os arcaísmos), enquanto, na cultura pós-moderna, é vista como formação responsável do “self” diante da vida e do mundo.
  - 5) O *programa de identidade* na modernidade é tido como a *emancipação* dos vínculos e *identidade* que se mantém autonomamente, enquanto, na pós-modernidade, é tida como transformação do “self”, em vista de uma dinâmica do progresso.
  - 6) O modelo *temporal* e de *desenvolvimento* na modernidade enfatiza a *reversibilidade*, enquanto, na pós-modernidade, há uma tendência e acentuação da *irreversibilidade* no que concerne aos valores tidos como fundamentais e vitais.

Esses são os dois parâmetros que diferenciam a formação do “self” na cultura moderna e na cultura pós-moderna, com sua diferente linguagem também na cultura urbana recifense, com seus meios de expressão e comunicação, através da mídia (Koslowski, 1991, 145).

b) A linguagem, a comunicação e os “mass media”

A *linguagem* (mímica e ou falada: expressão do íntimo) é a forma de mediação simbólica universal através da qual se constituem principalmente os diversos *âmbitos de significado*. É muito importante, porque é a primeira forma de socialização com a qual cada o indivíduo assimila os modelos de comportamento, as regras, as representações da realidade natural e social, as defi-

nições do próprio “eu” e as do “outro”, os valores, a interpretação da história, em cujo contexto social está inserido o indivíduo da jovem família.

A sociolinguística e a sociologia da linguagem têm mostrado a importância fundamental da linguagem na dinâmica social e também a influência dos fatores sociais na formação da linguagem (Crespi, 1997, 154-155), embora haja quem ache que a *língua* e *palavra* – conjunto invariante e universal de regras gramaticais presentes no espírito humano – devam ser analisadas independentemente do referimento a fatores sociológicos (Chomsky, 1980).

Em todo o caso, a linguagem é básica para o prorromper da cultura qualquer que seja o seu matiz ou especificidade, mormente no *processo de comunicação* e nos “*mass media*”.

Por *comunicação* se entende o processo de *interação simbólica* (sinais, regras, códigos etc.) mediante o qual determinadas *informações* ou *significados* são transmitidos por um ou mais indivíduos, os *emissores*, a outros indivíduos, os *receptores*.

Os *sinais* podem ser de natureza *verbal* (conversação, discurso técnico-científico) e de natureza *não verbal* (gestos, imagens, mímicas): sons inarticulados (gritos, gemidos etc.), musicais ou de outro tipo (Crespi, 1997, 209-210).

Há três principais *modelos de análise* do processo de comunicação, a saber:

- 1) o *modelo Estímulo-Resposta* (E-R), inspirado no behaviorismo ou em modelos mecânicos de informação (exemplo: termostato), com seus cinco elementos dispostos em ordem linear: fonte de informação; codificador de mensagens; canal de transmissão; um decodificador e um receptor de mensagem<sup>3</sup>;

- 2) o *modelo dialógico* com o intercâmbio de dois *atores interagentes* entre eles, havendo uma *circularidade* na comunicação resultante da ação de ambos (Galimberti, 1992);
- 3) o *modelo pragmático da comunicação humana*, segundo o qual a comunicação humana, com sua complexa dinâmica social e psicológica (não falar, relação, metacomunicação etc.), acontece num esquema *não-linear* baseado num constante processo de *ação e reação* entre os indivíduos comunicantes (Bateson, 1976).

Na comunicação “mass media” <sup>4</sup>, deve-se levar em conta dois tipos de formação sistêmica:

- 1) o *sistema de interação*: os sujeitos estão fisicamente presentes e se percebem reciprocamente de modo direto, num tempo imediato, muito mais comum nas pessoas simples e sem etiqueta;
- 2) o *sistema societário*: as pessoas podem estar distantes entre si no espaço e no tempo; há uma comunicação mais complexa e mediata com códigos abstratos, o que requer tempos de elaboração mais longos e menos facilmente controláveis (Luhmann, 1990). Mas, de um modo ou de outro, interfere no processo informativo e educativo dos membros da jovem família e da sociedade recifenses.

A mídia pode ser *central* (televisão, cinema) ou *periférica* (rádio, jornal etc.) e cada classe social tem o seu tipo de mídia, a depender das posses dos membros de cada classe social com sua bagagem cultural e educativa (Crane, 1997, 66-69).

### c) A formação e a educação

A função *formativa* e *educativa* está em estreita conexão com as estruturas sociais de um país, a saber: os meios de comunicação e as instituições de educação (escolas, universidades, escolas de especialização etc.), que, para Comte, por causa dos valores morais e éticos, são essenciais para a fundação e manutenção de uma sociedade (Comte, 1967, 235s).

Para K. Marx (1844), a informação e a educação reproduzem e transmitem a *ideologia* da classe dominante e da ordem constituída, por isso o homem é produto do ambiente e da *educação*. Faz-se necessário, portanto, “educar os educadores”, o que só será bem feito através de uma prática revolucionária.

Para A. Gramsci (1949), o *intelectual orgânico* tem o sério papel de promover, em estreita união com o partido (vanguarda revolucionária organizada), a *consciência* do proletariado na sua luta pela conquista de uma *hegemonia cultural*.

Para Max Weber (1922), há uma relação íntima entre *sistemas educativos* e as *classes sociais*, as quais vistas são sob um ângulo muito mais econômico. Certas comunidades têm a sua honra e condutas convencionais de vida (regras de educação, costumes, estilos de vida etc.) que fazem da classe social uma realidade relativamente independente dos condicionamentos puramente econômicos.

Para E. Durkheim (1922), o *processo educativo* é um dos momentos fundamentais através do qual a sociedade *determina* o indivíduo, orientando os seus impulsos tendencialmente egoístas para com a *solidariedade* e o *consenso*. Concorda essencialmente com Durkheim a teoria de T. Parsons, que vê a *função da educação* prevalentemente como *integrativa* do indivíduo, através da *aprendizagem* e *interiorização*, às finalidades do *sistema social* como tal (Parsons, 1964, 15s).

Como se pode inferir desses teóricos da cultura, a informação e a educação são processos importantíssimos no ser e agir cultural dos membros de uma família, de grupos sociais e dessa própria sociedade globalizada, que, de um modo fértil e inovador, está sempre criando novas formas que visem à socialização e à identidade do indivíduo e do novo cidadão, embora, na sociedade recifense, nem todos possuem condições de ter uma sadia socialização e uma forte identidade.

#### d) A socialização e a identidade do cidadão

A socialização pode ser *primária* ou *secundária*. A *socialização primária* acontece na infância com as relações interpessoais na família e nos grupos, como vizinhança, coetâneos, amigos, entre outros. A *socialização secundária* se desenvolve, prevalentemente, em nível dos sistemas e subsistemas sociais, nas instituições educativas e familiares (escolas, universidades, cursos de especialização, igrejas, “mass media”, associações, partidos políticos, entre outros).

Ambos os sistemas são operantes durante a vida toda do indivíduo, através dos contínuos processos de re-socialização (Crespi, 1997, 197).

No que concerne à *socialização primária* e à *identidade*, o indivíduo, ao nascer, insere-se numa sociedade já constituída de seus valores, processos de comunicação, tradições, patrimônio cultural depositado na memória coletiva, modelos de comportamento, conjunto de elementos psicossociais que concorre para a constituição da identidade de cada indivíduo e define as relações que o indivíduo estabelece consigo, com os outros e com as coisas.

Como bem mostrou Jean Piaget, o indivíduo, ao nascer, é dotado de um *patrimônio genético* que o predispõe à aprendizagem e ao crescimento psíquico e cognitivo, mas o *modo* como tal

patrimônio genético será direcionado e usado será determinado pelos fatores próprios da cultura e da sociedade na qual ele cresce e faz suas primeiras experiências, moldando, assim, a sua identidade e personalidade, pesando muito a situação econômica e axiológica de cada indivíduo e do seu grupo social (Piaget, 1975).

O *conhecimento* (a cultura) se dá com o registro das observações e com a estruturação derivante da atividade do sujeito, desenvolvendo-se, assim, as estruturas cognitivas (que não são nem *inatas*, nem dadas *a priori*) por graus sucessivos num processo de *construção* que se *coloca em ato* com a *organização* das ações e das operações cognitivas, no relacionamento concreto com os objetos em cada tempo e lugar.

Noutras palavras, a realidade (também cultural) é *assimilada* cognitivamente, *interpretada* segundo os esquemas lógicos, e daí a *adaptação* (inteligência!) do sujeito a essa mesma realidade e o surgimento da cultura (Piaget, 1967, 54), como a recifense.

Portanto, no processo de *formação da identidade* do indivíduo, a cultura exerce muita influência sobre ele, forjando-se, assim, a identidade do indivíduo de modo *ambivalente*: o *social* (traços culturais comuns, iguais) e o *individual* (diferenças típicas de cada sujeito). Surge, assim, uma *identidade pessoal* (resultado da elaboração interna, consciente e inconsciente, experiências vividas etc.) e a *identidade social* (imagem que o sujeito dá de si nos processos de comunicação e de interação com os outros, como afirma Goffman (1959)).

É assim que a socialização (primária e secundária) influi na identidade de cada membro da família e da sociedade em seus diversos âmbitos culturais, mormente na produção da arte e do urbanismo de uma cidade ou país.

## e) A produção da arte e urbanismo na sociedade

A produção *artística* e *urbanística* é um âmbito da cultura extremamente amplo e variado que traz, em seu bojo, sensações, emoções, dimensões do desejo e do imaginário individual e coletivo, representações da realidade natural e social e as concepções do mundo e da vida.

Na *produção artística*, existem as *artes figurativas*, que são expressas através das imagens, pintura, escultura, arquitetura, danças, cinema, fotografia, vídeoclipe etc.; a *literatura*, que se expressa através da palavra (falada ou escrita) e que compreende as diversas formas de poesia (épica, lírica, dramática), a narrativa (romance, contos autobiográficos), o teatro, a música, as canções populares e o artesanato, de grande expressão na sociedade recifense.

A *produção artística* faz parte da categoria de *mediação simbólica* da realidade, traduzindo e reduzindo, na linguagem, imagens, sons etc., a complexidade da *experiência vivida* pelo homem em cada tempo-espaço (Crespi, 1997, 180-181), especialmente o povo recifense com sua arte realista e pluralista, apontando para o desejo infinito de realização mais plena.

A *dimensão do infinito*, presente no desejo humano, que encontra na religião uma forma de explicação e orientação, é *mostrada* na arte, por assim dizer, de *forma pura*, ou seja, em sua irredutibilidade a formas cognitivas ou ético-normativas.

A arte, portanto, tem a sua raiz no próprio desejo que se nutre do imaginário; pode ser, como afirma a psicanálise, uma sublimação em si mesma ou uma simples representação do trivial, como os famosos sapatos pintados por van Gogh (Crespi, 1997, 180-181).

Segundo Vera Zolberg (1994, 23-26), a arte e urbanismo podem ser entendidos em sua concepção *endógena* (quando são

expressões da alma de seu criador), como os artistas, pintores, escultores, músicos da Idade Média, e *exógena*, quando ela é resultado de um conjunto de condições econômicas e sociais com exaltação ou não dos valores sociais e religiosos.

f) Concepção do mundo e relações com a transcendência: religião, mito e rito

A concepção global do mundo e da vida é entre as formas culturais a que mais exerce uma influência sobre as representações, valores e regras socialmente partilhadas, quase sempre através dos contos míticos e religiosos.

O *mito* é a modalidade mais antiga de organização simbólica do mundo e da vida humana e tenta, através de contos, explicar a origem do mundo e da vida humana.

Enquanto forma de representação e produção de significados, o mito tem a sua raiz na experiência coletiva e é não somente o reflexo de uma realidade já dada, mas também é o elemento constitutivo dessa mesma realidade, própria de uma consciência que opera a partir da distinção originária entre sagrado e profano, mas não consegue operar uma *distinção* entre o símbolo e a coisa simbolizada (Cassirer, 1923, 57).

No mito, o nome não remete a uma pessoa, mas é a própria pessoa. A imagem não representa a coisa, mas é a coisa mesma.

O mito, portanto, é uma tentativa de falar do inefável, de esgotar o inesgotável, de tocar o intocável: a realidade transcendental.

O *rito* celebra, visibiliza a ligação (religião) com o transcendente (Deus, deuses), qualquer que seja o seu nome ou concepção, fazendo surgir as normas sociais, políticas e do trabalho que visem ao bem-estar social do cidadão e das famílias.

- g) A produção do direito, da política e do trabalho na sociedade

A idéia de *direito* remete a um conjunto específico de *normas, leis* – conscientemente definidas segundo uma regulamentação sistemática – propostas à observação geral e reforçada por mecanismos de tipo coercitivo, por *sanções* previstas contra os que não as observam, visando ao *controle social*.

O direito é visto diferentemente por diversos teóricos. Para K. Marx (1843), o direito, em sua polêmica com Hegel, é concebido como a expressão supra-estrutural e ideológica do *poder* das classes dominantes. Foram postas, especialmente com É. Durkheim e M. Weber, as primeiras bases para uma análise propriamente *sociológica* das relações entre direito, sociedade e poder.

Nas sociedades complexas e altamente diferenciadas da idade contemporânea, o sistema legal chegou a um alto grau de autonomia no que concerne às pressões do *sistema político*, graças à evolução da profissão legal, cujos membros estão institucionalmente protegidos das intervenções do poder executivo (Parsons, 1961, 47).

De fato, a *política*, em especial o poder legislativo, exerce uma grande pressão na formulação e execução das normas jurídicas. Os termos *cultura política* são entendidos como o conjunto variado de representações e crenças, de orientação de valores, regras e estilos de comportamento que se desenvolvem no âmbito das relações políticas e governativas, influenciando diretamente essas últimas (governativas).

Assim, cultura e política se influenciam reciprocamente, mormente no século XX, com mais seriedade nas novas democracias das sociedades ocidentais, com sua ênfase na criação de *organismos produtivos* (empresas, entes financeiros, socie-

dade de distribuição de bens etc.) com seus sistemas coerentes de modelos, valores e cultura organizacional.

Diversos foram, sem dúvida, os elementos que contribuíram para a formação de uma cultura ligada às *organizações produtivas* e às *relações industriais*, quais sejam: a idéia positivista do progresso ligado ao desenvolvimento da ciência e da técnica, a incidência das teorias utilitaristas do (neo)liberalismo econômico, o primado da função produtiva exaltado pelo socialismo e por Marx, o afirmar-se da racionalidade instrumental e dos valores de eficiência produtiva, evidenciados por Max Weber, e a centralidade e importância do papel do empreendedor, entre outras (Crespi, 1997, 229-230).

Esses são, pois, alguns dos mais importantes componentes para a análise dos processos de formação da cultura nas organizações produtivas das sociedades modernas, principalmente nas grandes cidades, como o Recife do ano de 2002.

## 1.2 – A atual cultura urbana do Recife

No Recife e sua região metropolitana (RM), habitam 3.158.552 pessoas, com o seu “habitat” ou à beira-mar, ou à beira-rio, ou ao longo dos canais da cidade.

A população do município do Recife, no último censo demográfico (2000), era de 1.422.505 habitantes, dos quais 661.000 homens e 761.000 mulheres. Quase todos (1.4000.000) moravam na zona urbana (IBGE, 2001, 279).

A sua região metropolitana (RM), chamada de Grande Recife (incluindo o município de Jaboatão dos Guararapes, Paulista e arredores), tem 1.736.000 habitantes: 1.500.000 homens e 1.657.000 mulheres. Moram 2.965.000 na zona urbana e 193.000 na zona rural (IBGE, 2001, 25-29).

Como se forma o “self” (eu) do indivíduo da jovem família recifense e de sua região metropolitana? Qual a cultura do seu “eu”, nessa grande metrópole nordestina?

a) A cultura do “self” do cidadão recifense

Sem dúvida, a constituição do “self” do cidadão *recifense*<sup>5</sup> não é muito diferente da de outros cidadãos das famílias desta grande região Nordeste, a região economicamente mais pobre das cinco regiões brasileiras.

O “self” do recifense traz no seu bojo as características das três principais etnias que, de modo miscigenado tríbrido, formaram o povo brasileiro.

Já convivi com pessoas de várias nacionalidades, mas os traços da *identidade* (modo de ser e agir) do membro da família recifense são “sui generis”. Eis alguns deles:

- a) uma *abertura ôptica* (Libório-De Araújo, 1973, 261-269), que as torna *sensíveis*, *alegres* (carnaval, quadrilhas juninas, samba, futebol), *acolhedoras* (hospitalidade, comunicação fácil), *sociáveis* e *adaptáveis* (Inteligência, segundo Piaget), mediatizada por uma *sensualidade* e *sexualidade fortes* (a poligamia, as conversas e anedotas de fundo erótico), não tão regidas pela administração (assistência) técnico-social da cultura moderna, mas muito mais impregnadas de um cuidado consigo mesmas (pós-modernidade), vivendo uma liberdade de cunho muito mais moderno (autonomia, individualismo, descuido pelo ambiente) que pós-moderno (formação responsável do “self” ante a vida e o mundo);
- b) uma *tolerância paciente* que leva à *flexibilidade* na vivência dos *valores*, à *improvisação* (jeitinho

- brasileiro) e à *aptidão a imitar* os povos estrangeiros, bem típica do modo temporal e de desenvolvimento da modernidade (reversibilidade de valores);
- c) um *embotamento histórico-político* da memória que faz esquecer facilmente importantes fatos históricos e políticos, explodindo quase sempre num *patriotismo hilariante e colorido* com vestes, bonés, bandeirolas, bombas e fogos verde-amarelos (copa do mundo já com o penta, clube de futebol, eleições), carente de maior e mais consistente *seriedade patriótica* noutras áreas da vida quotidiana e política;
- d) uma *esperança persistentemente teimosa* com sabores de *introversão, desconfiança, desalento e melancolia*, o que leva, às vezes, à subserviência, ao apadrinhamento, ao conformismo, à malandragem, às “espertezas” e à corrupção descarada e sem escrúpulos;
- e) um *sincretismo religioso-místico* eivado de *sentimentalismo, superstição e fatalismo* a longo prazo, heranças essas provenientes dos três principais troncos étnicos que plasmaram a *identidade multifacetada* da família deste país, também da recifense, tanto no tempo colonial quanto nos tempos atuais.

Percebe-se, no entanto, nas últimas décadas, que muita coisa continua mudando celeremente, nas características positivas da identidade, com um certo *arrefecer* (esfriamento) dessa *abertura e acolhimento*, mormente nas grandes cidades, ante a onda de roubos, assaltos, estupros e violência generalizada. Por isso estão as famílias urbanas recifenses e brasileiras mais fechadas e bastante amedrontadas, com menos gosto para saborear o existir cotidiano de modo livre, confiante e aberto.

No ambiente socioeconômico, abissalmente dicotômico e escandalosamente defasado, no qual uma minoria tem tudo e quase metade dos brasileiros (45,9%) ganha até um salário mínimo (SM), que hoje é de R\$ 200,00 (duzentos reais: U\$ 70), já se pode inferir que tipo de “self” é formado, mormente o do indivíduo recifense das famílias das classes populares.

Em recente pesquisa (Libório, 2001), no Recife, com 200 jovens famílias entrevistadas (400 pessoas), no que concerne à vida diária dos cônjuges que trabalham fora e das mulheres apenas domésticas, o casal de dupla carreira, em geral, é *feliz* com o trabalho extradoméstico e tem um “self” que se sente *mais ou menos cansado* (37,1%) e *muito cansado* (33,1%); sentem-se *mais ou menos felizes* (43,5%) e *muito felizes* (25,5%). As mulheres profissionais da classe média têm uma dissonância do “self” *significativamente* acentuada pela maior *consciência* (e consequências) de seu duplo papel de profissional e mãe, o que não acontece, de modo significativo, com a mulher profissional da classe baixa (Libório, 2001, 349-351.513).

O abismo entre os poucos abastados – moradores de arranha-céus à beira-mar, com três, quatro carros na garagem – e a grande maioria “escondida” em casebres, mocambos (são 2/3 da Grande Recife), favelas e palafitas à beira-rio gera um “eu” sonhador que se torna quase sempre frustrado nas camadas populares, induzido pela mídia e pela corrupção dos chamados “grandes” que campeia, aberta e desrespeitosamente, no país.

Essa situação abissal entre o *real* e o *ideal*, entre o *desejo* de ter e a *não-possibilidade* de ter leva ao descontentamento, à angústia e à violência especialmente entre os menos favorecidos, mormente nas metrópoles onde a mídia exerce grande influência consumista e os “shopping centers” sorratamente tentam ricos e pobres (quando lá vão) ao consumismo desenfreado bem nos moldes do capitalismo neoliberal selvagem.

Apesar da *abertura ôntica*, da *tolerância* e da *esperança* do “eu” do cidadão recifense da jovem família, o seu “self” se estrutura numa *dissonância básica* entre o ideal e o real, mas sofre as conseqüências dessa dissonância, principalmente as famílias da classe média, achatada entre as famílias ricas (bem protegidas) e as famílias pobres (desprotegidas).

Graças a uma certa “fuga” (alienação) ante a dura realidade – através do futebol, do carnaval, da dança de quadrilhas no São João, do forró, do pagode, do frevo e da pinga no boteco da esquina –, muita gente das famílias pobres do Recife consegue anestesiá-la essa dissonância do “self”, quando não descamba – ante a corrupção e a ladroagem de tantos políticos e empresários – para a revolta violenta, encarnada no roubo e no crime organizado, com os assaltos, estupros e morte de tanta gente inocente.

Essa dura realidade está gradualmente levando as famílias recifenses a um medo sistêmico e a um embotamento da *comunicação aberta e espontânea*, tão característica do cidadão brasileiro e recifense.

Com P. Koslowski (1991, 145), pode-se afirmar que, em geral, a *constituição* do “self”, o *conceito* e a *realização da liberdade* na cultura urbana recifense estão muito mais nos moldes de uma cultura ainda *moderna* (“self” com ênfase na relação, aumento das opções e autonomia individual) que de uma cultura pós-moderna (“self” como força espiritual, com opções essenciais e formação responsável), em cuja direção desejável e necessária se deve trabalhar muito ainda.

No entanto, a cultura do “self” do cidadão recifense, no limiar do terceiro milênio, é ainda, na grande maioria das pessoas, cheia de sensibilidade, humanismo e solidariedade, apesar dos medos e da grande insegurança que medram, com sempre maior força, em cada pessoa desta metrópole nordestina, matando a

boa comunicação e o acolhimento que sempre caracterizaram os membros da família recifense e nordestina.

b) A linguagem, a comunicação e os “mass media” na cultura urbana recifense

Em nível de linguagem (língua), primeira forma de socialização do indivíduo, o cidadão da jovem família recifense é favorecido, nesse imenso “país-continente”, por uma só língua (o português) sem nenhum dialeto (como nos pequenos países europeus), excetuando-se as 180 línguas dos povos indígenas brasileiros (Prezia-Hoonaert, 2000, 164).

O uso comum do idioma *português*, com seus regionalismos, favorece a linguagem e a comunicação fáceis, fundamentais para o surgir e o manter da cultura urbana recifense, mormente nas classes mais populares, muito mais sensíveis e solidárias que as classes mais abastadas, que, por circunstâncias, situação e “status”, são mais herméticas e isoladas.

Na aludida pesquisa (Libório, 2001, 352-355), o *trabalho extradoméstico* do casal de dupla carreira da jovem família recifense afeta o *relacionamento* dos cônjuges entre si e com o filho pequeno do seguinte modo: 29,1% dos casais afirmam que o trabalho favorece *muito* e 31,7% afirmam favorecer *mais ou menos* o relacionamento com o cônjuge, enquanto, no relacionamento com o bebê, o trabalho extradoméstico favorece *mais ou menos* (35,3%) e *pouco* (24,8%). Percebe-se, assim, como o trabalho fora não é tão favorecedor da comunicação do casal e da família pelo fato de estarem cansados, o baixo salário e os estresses de uma vida diária.

A vinda do bebê também influenciou *muito* (52,9%), *bastante* (32,7%) e *mais ou menos* (10,1%) a *comunicação* do casal entrevistado. Intui-se, assim, como a criança, apesar de, em ge-

ral, ser aceita como um dom, na cultura brasileira e recifense, ela ainda causa muito transtorno, mormente, em nível econômico e de liberdade, principalmente os da mulher (Libório, 2001, 356-358).

A comunicação na cultura urbana do Recife obedece muito mais ao *modelo dialógico e pragmático* (comunicação não-linear com constante ação-reação), preconizado por Bateson (1976), mediatizada essa comunicação por uma potente mídia na qual se alternam tanto os *sistemas de interação* (presença física dos interlocutores) quanto o *sistema societário* através da *mídia central* (televisão, cinema etc.) e da *mídia periférica* (rádio, jornal, etc.), como afirma Crane (1997, 66-69).

De fato, em Pernambuco, cuja capital é o Recife, essa *comunicação interativa*, fácil e jeitosa, é feita através de 1.744.000 linhas telefônicas instaladas, 6.835.000 aparelhos de rádio e 6.754.000 aparelhos de televisão e avança na cultura medial e virtual com 551.000 microcomputadores (mais na classe média e alta) e um total de 1.558.000 automóveis, mais na classe média e alta (IBGE, 2002, 128-129).

Como se pode observar, a comunicação flui cada vez mais nessa cultura urbana do Recife, tanto em relação à mídia central (televisão), quanto à mídia periférica (rádio, jornal), apesar de toda uma estrutura socioeconômica dicotômica e radicalmente injusta, típica de um capitalismo neoliberal que grassa desse modo, principalmente no terceiro mundo, impedindo que todos os cidadãos da cidade tenham direito à globalidade dos recursos de formação e educação.

#### c) A formação e a educação na cultura urbana do Recife

O Brasil, nas últimas décadas, tem investido muito na formação e educação de seus cidadãos, e o Recife não foge a essa tendência, mas há ainda muito a ser feito nessa área.

Sabe-se muito bem que o progresso de um país se deve ao investimento que se faz nos setores da formação e da educação, não só nos conteúdos culturais mas também, como afirmava Comte, na formação dos valores éticos e morais, essenciais para a fundação e manutenção de uma sociedade (Comte, 1844, 235), no caso, a recifense.

A sociedade recifense, dominada pelos mais cultos e poderosos economicamente, em geral, “produziu uma formação e educação que defendem, como dizia Marx (1845), a ideologia da classe dominante”, visando a “determinar e orientar o indivíduo em seus impulsos para a solidariedade e o consenso” (Durkheim, 1922), querendo “integrar o indivíduo, através da aprendizagem e interiorização, às finalidades do sistema social capitalista vigente”, como aludia Parsons (1964, 15s.).

Mister se faz criar “uma *nova consciência*,” como preconizava Gramsci (1949), “para enfrentar esse domínio ideológico”, também na cultura urbana do Recife. Já houve, no passado, algumas vozes nesses setores, como a de D. Hélder Pessoa Câmara e a de Paulo Freire, entre outros. No entanto muita coisa deve ainda ser feita no campo da formação integral e da educação formal, visando, realmente, a atingir *todos* os cidadãos do Recife e de sua região metropolitana.

É bem verdade que, na região metropolitana do Recife, a taxa de escolarização de 5-6 anos já é de 79,9%; de 7-14 anos, é de 94,1%; de 15-17 anos, é de 79,9%; de 18-19 anos, é de 56,2% e de 20-24 anos, é de 28,2%. Há ainda uma taxa total de analfabetismo funcional de 23,2% das pessoas de 15 ou mais anos de idade, mais alta na zona rural (40,1%) e menos alta na zona urbana (21,2%), segundo dados do IBGE (2001, 85-95).

Na pesquisa recifense (Libório, 2001, 323-325), o nível de escolaridade dos casais entrevistados estava assim configurado: primário concluído: 115 sujeitos (28,8%); secundário concluído:

176 sujeitos (44,0%); curso técnico: 57 sujeitos (14,3%); curso universitário: 32 sujeitos (8,0%) e nenhuma escolaridade: 11 sujeitos (2,8%). Os maridos são mais idosos que as mulheres: 131 maridos (dos 200) nas faixas etárias de 26-30 anos (63) e mais de 30 anos de idade (68) e 123 mulheres (das 200) nas faixas etárias de 21-25 anos de idade (69) e 26-30 anos de idade (54), no total da pesquisa recifense.

Em todo caso, as culturas urbanas formativa e educativa, mantidas por tantas instituições governamentais e particulares, estão fazendo um esforço ingente para preparar cidadãos mais conscientes, humanos (não só bons técnicos!) e responsáveis por uma nova cultura urbana recifense do futuro sem tanto individualismo, domínio do efêmero e relativismo de valores, pondo em gestação fecunda também o sentido transcendental para a existência, fazendo acontecer uma socialização mais ampla e humana e uma identidade mais íntegra para o recifense, o nordestino e o brasileiro de hoje e de amanhã.

#### d) A socialização e a identidade do cidadão recifense

A socialização primária e secundária do indivíduo das classes populares recifenses é bem diferente da dos indivíduos das classes mais altas.

Nas classes baixa e média, apesar de “a criança ser recebida com alegria e como um dom (85,6%)”, sua socialização sofre as limitações devidas às situações socioeconômica e política em que vive o Recife e o país. A criança das classes média e alta tem ambientes bem diferentes dos das classes populares (Libório, 2001, 357).

Por exemplo, os menores abandonados, desde pequenos, já se adaptam rapidamente à vida concreta e dura na qual nasceram (mocambos, palafitas) e da qual fazem parte (as ruas), ad-

quirindo uma maturidade precoce (Piaget, 1967) bem diferente das crianças das classes altas, que vivem confinadas em mansões ou arranha-céus e que têm um amadurecimento normal para a sua idade. Na luta pela sobrevivência, as crianças pobres e abandonadas fazem de tudo, com bons modos ou não, para trazerem algo para o irmão pequeno, faminto, ou para os pais desempregados que exigem que tragam algo para casa, senão serão açoitados. É uma socialização que acontece forçada pela necessidade, feita, às vezes, com solidariedade e, às vezes, com muita violência e desencontros.

Já a criança e o jovem das classes altas vivem outros tipos de *socialização primária* (com muita abundância material, nem sempre acompanhado de muito afeto) e a *socialização secundária* (nos melhores colégios particulares e ambientes sofisticados) bem distante da socialização da maioria das crianças recifenses.

O trabalho extradoméstico, como fator de socialização (encontrar outras pessoas!), tem uma porcentagem muito baixa (1,4%) na pesquisa do Recife. Isso torna evidente que essa não é a mais importante razão para o ingresso dos cônjuges no mercado de trabalho recifense (Libório, 2001, 347-348).

A *identidade* formada de cada cidadão dessas classes recifenses vai remeter ou não à situação de miséria, pobreza e riqueza ou luxo de cada família na qual se inserem os respectivos indivíduos.

Vale ressaltar que não é só a dimensão socioeconômica que influi na formação da identidade e do caráter dos cidadãos, mas também outros fatores, como, por exemplo, os *valores* tão relativizados e invertidos nessa sociedade recifense secularizada, formando, assim, bem ou mal, “uma identidade pessoal e social” (Goffman, 1959) que vai fazer medrar diversos tipos de arte e urbanismo diametralmente diferentes.

e) A produção da arte e do urbanismo na sociedade recifense

A *produção artística* da sociedade recifense é muito variada e rica – vai desde o artesanato até o urbanismo mais sofisticado de Boa Viagem, Piedade e Candeias, passando por todas as outras formas de *artes cênicas* (mamulengos, danças típicas, ciranda, maracatu), músicas populares (frevo, pagode, forró) ou internacional (“rock”, “reggae”, “heavy metal”), e o *urbanismo estilizado* (arquitetura, escultura etc.) ou não (praças, canais, pontes etc.) da chamada Veneza Brasileira.

Nas *artes figurativas* (escultura, arquitetura, vídeoclipe, poesia, romance, repentis) , mediações simbólicas de uma realidade mais interiorizada e, muitas vezes, penosamente vivenciada (Crespi,1997,180-181), a riqueza da alma recifense aparece de modo espontâneo e diáfano e não perde em nada para as vetustas culturas do primeiro mundo.

A *informatização* de bancos, mídia, comércio, medicina e de outras áreas é de primeira qualidade e tão sofisticada como a dos países do primeiro mundo, embora a máquina já tenha desempregado tantos pais de família.

As crianças e jovens das classes mais ricas já têm domínio (mais que os adultos) no campo fantástico da nova *cultura virtual*, que, de um lado, liga a pessoa a um mundo mais globalizado e maravilhoso e, de outro lado, a isola dos mais próximos e íntimos, levando o jovem a jogar com o computador e a tê-lo *friamente* como grande companheiro de jogos e do jogo da existência.

A *arte endógena* (expressão íntima do gênio artístico do recifense), fundada no desejo infinito do ser humano, também retrata a real situação sociopolítica e econômica (arte exógena) em que está imersa a família brasileira e recifense (Zolberg, 1994, 22-26).

No que diz respeito ao *urbanismo recifense*, 2/3 da região metropolitana do Recife são de mocambos, casebres e favelas: 820.000 domicílios (com 3.157.000 habitantes), dos quais 77,2% são cobertos de telha, 20,6%, de laje de concreto e 1,5%, de outro tipo de cobertura. As paredes dessas residências são 96,2% feitas de alvenaria (tijolos, pedras), 0,5% de madeira aparelhada e 3,5% de outros tipos (IBGE, 2001, 186-190).

Do total dos domicílios particulares permanentes urbanos com abastecimento d'água e esgotamento sanitário adequado e lixo coletado, as famílias recifenses neles existentes têm uma renda "per capita" em salários mínimos (SM) de até ½ SM: 18,5%; mais de ½-1 SM: 27,5%; mais de 1-2 SM: 40,5%; mais de 2-3 SM: 55,5%; mais de 3-5 SM: 64,9% e mais de 5 SM: 74,1%. Infere-se desses dados que as famílias que têm maiores salários têm maior bem-estar social e urbanístico (IBGE, 2001, 199).

É claro que a vida nos bairros ricos de Boa Viagem, Piedade e Candeias é bem diferente (luxo, conforto, abundância) da vida de quem mora em Nova Descoberta, Casa Amarela, Ibura e outros bairros pobres da grande Recife carentes de quase tudo, o que repercute na formação de uma cosmovisão realista e de uma vivência religiosa mais libertadora.

- f) Concepção do mundo e relação com a transcendência: religião, mitos e ritos

A *concepção do mundo* e a *religião* permeiam a existência do humano desde as origens, protegendo e orientando o seu ser e agir (Eliade, 1978, 37).

Na *cosmovisão*, está ínsito o sentido para a vida, geralmente cultivado pelas religiões que ajudam a viver a imanência e apontam para a transcendência da existência, da pessoa, da família e da própria sociedade (Cassirer, 1923).

Cada religião tem sua cosmovisão e concepção da vida. No Brasil e também no Recife, há as seguintes cosmovisões embasadas pelas principais religiões, a saber: a católica (73,8%); a evangélica com a sua multifacetada concepção do mundo (15,4%); as outras religiões – espírita candomblé e umbanda, judaísmo, orientalismos – (3,6%); e não têm uma cosmovisão tão embasada na religião os “sem religião”, que são 7,5% dos brasileiros (IBGE, 2002, 50).

Como se pode inferir dos dados, mais de 90,0% dos brasileiros têm fé em Deus e praticam uma religião, estando a dimensão transcendental das famílias pernambucanas num patamar razoável, ao redor de 90,3% incluídas as principais religiões (IBGE, 2002, 50).

Na Entrevista do Recife (Libório, 2001, 377), a cosmovisão e a relação das famílias recifenses com a transcendência estão assim configuradas:

- a) cosmovisão – os maiores valores da vida para esses entrevistados são:
  - saúde: total 46,5% (48,0% maridos; 45,0% mulheres);
  - amor: total: 44,8% (41,0% maridos; 48,0% mulheres);
  - liberdade: total: 3,8% (6,0% maridos; 1,5% mulheres);
  - esperança: total: 2,3% (1,5% maridos; 3,0% mulheres).

Está evidente, com esses dados, que os valores mais importantes nessa cosmovisão é, em primeiro lugar, a *saúde*, sem a qual nada se pode fazer, e o *amor* sempre apregoado pelas religiões;

- b) relação com a transcendência (religião) – as famílias recifenses crêem muito em Deus: total: 67,3% (64,5% maridos; 70,0% mulheres); crêem *bastante* em Deus:

total: 30,8% (34,5% maridos; 27,0% mulheres); *não* crêem em Deus apenas 0,3% (maridos).

Dessas famílias recifenses, 67,3% (61,0% maridos; 73,5% mulheres) pertencem a uma Igreja e 30,0% (37,5% maridos; 22,5% mulheres) não pertencem a nenhuma Igreja. Pertencem à Igreja Católica 59,5% (60,7% maridos; 58,5% mulheres), à Assembléia de Deus 12,6% (11,5% maridos; 13,6% mulheres), à Igreja Batista 10,8% (10,7% maridos; 10,9% mulheres), à Igreja Evangélica 5,6% (7,4% maridos; 4,1% mulheres), entre outras Igrejas.

As maiores frequências às igrejas são: *semanal*: total: 27,3% (21,5% maridos; 33,0% mulheres) e *anual*: total: 33,3% (35,0% maridos; 31,5% mulheres).

As razões de *simpatia* pela Igreja são: doutrina de Jesus (54,0%), oração como alívio para a alma (38,3%), tradição de família (18,8%) e preocupação com a dimensão social do homem (18,3%).

Essas famílias são *indiferentes* com a Igreja que: pede muito dinheiro (36,0%), fala de política (33,3%), não se preocupa com os pobres e a justiça (30,0%) e tem ritos longos (25,8%).

A religião é *importante* na vida das famílias entrevistadas porque: une as pessoas a Deus (60,5%), mostra o sentido da vida (35,5%), ajuda a resolver os problemas da vida (35,5%) e ensina a fazer o bem (20,5%).

Inferem-se de todos os dados acima expostos que a relação das famílias recifenses com a transcendência (religião, ritos etc.) dá um sentido à vida e ajuda muito o fiel a enfrentar os revezes da existência humana.

No Recife, como em outras partes do Brasil, há um reavivar da fé, vivida pelos leigos dos diversos grupos religiosos por meio do movimento carismático católico ou pentecostal evangélico, com certo engajamento nas comunidades.

A forte atuação da Teologia da Libertação, na América Latina e no Recife, com a figura carismática de Dom Hélder e tantos outros, depois do Concílio Ecumênico Vaticano II, está em desaceleração, voltando-se a uma vivência religiosa bastante evada de sentimentalismo, correndo-se o risco de uma queda na alienação religiosa (ópio do povo) tão propalada por Marx.

De um modo ou de outro, em nossa sociedade recifense, já bastante globalizada, mister se faz pôr em gestação uma nova cosmovisão e um relacionamento diferente com a transcendência que estejam grávidos de humanismo e cidadania e de uma ética (moral) dialogal, ecumênica com uma grande compaixão pela nossa terra tão ferida (Boff, 2001) e pelo nosso povo tão carente de direitos, de um agir político sério e de um trabalho digno para manter humanamente suas famílias.

g) A produção do direito, da política e do trabalho no Recife

Não existe sociedade sem normas ou códigos de leis que visem ao bem-estar individual e familiar de todos os seus membros.

*A produção do direito* é vital para a sobrevivência dos grupos sociais ante a onda de individualismo que desestabiliza as sociedades na perseguição do bem comum. Servem de exemplo as diversas faculdades de Direito, a existência de instituições voltadas para o direito, mormente o direito dos mais pobres (Procom, Idec, Tribunal de Pequenas Causas etc.), que popularizam e agilizam um pouco mais a prática da Justiça para com os cidadãos das classes mais carentes.

Para gerenciar, mudar e atualizar os direitos e deveres do cidadão recifense, é necessário fazer emergir e estruturar a dimensão política do recifense.

*As instituições políticas recifenses*, em nível de cidade (vereadores, prefeito) e regional (deputados, senadores, governa-

dor), tentam preservar e corrigir as normas que se tornaram obsoletas, como, por exemplo, as organizações produtivas de trabalho que mantêm as famílias e enriquecem a cultura recifense e regional.

Na Pesquisa recifense (Libório, 2001, 376) acima referida, no que concerne à realidade política e social brasileira, 41,5% acham que o Brasil está *mais ou menos*; 28,5% acham que está *ruim*; 20,0% acham que está *péssimo*; 8,8% acham que *não tem futuro* e 0,8% acham que o Brasil está *ótimo* (Libório, 2001, 376).

Os maridos dessa Entrevista se mostraram mais realistas que as mulheres, pertencentes mais à classe média que à baixa e mais presentes nas faixas etárias mais altas (os mais idosos) que já são mais conscientes e maduros.

Na área do *trabalho*, na região metropolitana do Recife, há 1.393.000 pessoas economicamente ativas (PEA), das quais 806.000 homens e 587.000 mulheres – na zona urbana (1.300.000) e na zona rural (87.000) – exercendo as seguintes atividades: transportes, armazenagem e comunicação (114.000); intermediação financeira, atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas (146.000); administração pública, defesa e seguridade social (181.000); educação (175.000); saúde e serviços sociais (90.000); serviços coletivos, sociais e pessoais (80.000); serviços domésticos (207.000) e outras atividades (45.000), segundo o IBGE (2001, 119-130).

A taxa total de *desemprego* aberto (em todas as idades), na região metropolitana do Recife, em dezembro de 1999, era de 6,4% (IBGE, 2001, 135).

A *posição na ocupação* assim se apresenta na RMR: dos 1.196.000 trabalhadores, 47,7% são empregados; 7,0% são militares ou estatutários; 8,8% são trabalhadores domésticos; 26,4% trabalham por conta própria; 4,0% são empregadores e 4,6% não recebem remuneração.

No que diz respeito à *população ocupada* e ao *rendimento médio* mensal familiar “per capita”, na RMR, o panorama é o seguinte: dos 1.186.000 posições ocupadas, 18,5% ganham até ½ salário mínimo (SM); 27,4% ganham mais de ½-1 SM; 24,3% ganham mais de 1-2 SM; 7,8% ganham mais de 2-3 SM; 7,1% ganham mais de 3-5 SM e 8,9% ganham mais de 5 salários mínimos (R\$ 1.000 = U\$ 400), segundo o IBGE (2001,140-145).

Na pesquisa supracitada (Libório, 2001, 347-348), as razões que levam os cônjuges da jovem família recifense ao mercado de trabalho são: a) *necessidade financeira das famílias*: 87,4% (92,1% maridos; 79,0% mulheres), mais concentrados nas faixas etárias de 21-25 anos e de 30 anos e mais, pertencentes um pouco mais à classe média que à classe baixa; b) *satisfação pessoal*: 35,3%, sendo os maridos o dobro das mulheres, mais concentrados nas faixas etárias de 21-25 anos e 30 anos e mais, pertencentes mais à classe média que à classe baixa, o que confirma pesquisas anteriores (Ferree, 1987, 289-301), segundo os quais a mulher da classe média trabalha fora mais por *satisfação*, ao menos nos Estados Unidos da América<sup>6</sup>; c) *independência do cônjuge* (maridos): 16,2% da amostra, sendo 10 homens e 35 mulheres, mais presentes nas faixas etárias intermediárias (21-30 anos), pertencentes mais à classe baixa que à classe média – percebe-se uma boa quantidade (35) de mulheres querendo se tornar independentes economicamente dos maridos e, por consequência, também do ainda forte machismo nordestino (Libório, 2001,347-348).

Como se pode inferir dos dados acima, muitos trabalhadores ganham muito pouco (45,9% dos trabalhadores recifenses ganham até um SM; no NE, 66,0%) e poucos ganham muito dinheiro. Caracteriza-se, assim, o abismo socioeconômico da sociedade recifense, sendo difícil manter *dignamente*, com esse salário, a jovem família recifense.

Mister se faz, para aliviar e melhorar essa situação econômica familiar, que a mulher ingresse no mercado de trabalho para ajudar o marido, o que está maciçamente acontecendo, como se verá a seguir.

## 2 – O trabalho feminino e a jovem família recifense<sup>7</sup>

A mulher profissional recifense é uma mulher cansada, mas feliz por trabalhar; vive, no entanto, uma *significativa dicotomia* entre o lar (os papéis de mãe) e o trabalho extradoméstico (papéis profissionais) que a estressa e causa a angústia psicológica tão comum nas mães de dupla carreira.

### 2.1 – O trabalho extradoméstico e doméstico da mulher recifense

Culturalmente o homem é visto como provedor econômico da família e a mulher tem que ficar em casa para cuidar dos filhos. No entanto, os tempos e as necessidades mudaram e a mulher está entrando no mercado de trabalho, sem abdicar do trabalho doméstico, em que o homem muito pouco ajuda.

#### a) O trabalho extradoméstico da mulher recifense

No que diz respeito à variável **idade**, as mulheres de dupla carreira da amostra da Pesquisa recifense (Libório, 2001) são mais *jovens* que seus maridos, mais presenças nas duas faixas etárias iniciais (15-25 anos de idade). Das 100 participantes do trabalho extradoméstico, são 50 da classe baixa e 50 da classe média.

No que concerne ao **nível educacional** (sociocultural), 145 mulheres do grupo feminino global (200) concluíram os cursos primário (61), secundário (84), técnico (28) universitário (17) e

não têm escolaridade apenas 6 delas. Não responderam ao quesito 4 delas.

A distribuição das mulheres segundo a duração do **casamento está assim**: menos de 1 ano e 1 ano (28), de 2-5 anos (114), de 6-7 anos (33) e de 7 anos e mais de casados são 25 mulheres.

Essas 200 mulheres têm 200 filhos (um cada uma) e a **idade dos filhos** está assim distribuída: 38 mulheres têm filhos com menos de 1 ano de idade; 114 mulheres têm filhos na idade de 1-3 anos; 48 delas têm filhos com mais de 3 anos de idade.

Em relação à variável **trabalho extradoméstico**, as 100 mulheres que trabalham fora têm a seguinte *posição na ocupação*: 78 delas trabalham como :

- a) empregadas (em diversos empregos): não elencados (26), no comércio (21), na educação (16), como empregada doméstica (10), na indústria (5);
- b) por conta própria: 19 mulheres.

Não responderam ao quesito 3 mulheres profissionais da amostra (100 mulheres).

A **modalidade do trabalho extradoméstico** tem a seguinte distribuição: 43 mulheres trabalham o dia todo, 22 com horário combinado, 1 com tarefa trazida para casa, 22 por turno e 10 com outro tipo de horário. Não responderam a este quesito 2 mulheres.

No que diz respeito à variável **turno de trabalho**, a distribuição é a seguinte: 26 mulheres trabalham no turno da *manhã*, 9 no turno da *tarde*, 4 no turno da *noite*, 19 em *vários turnos*. Não responderam a esse quesito 42 mulheres.

Em relação à quantidade de **horas diárias trabalhadas**, 10 mulheres trabalham menos de 4 horas, 47 mulheres trabalham de 4-8 horas diárias, 34 mulheres trabalham de 9-12 horas diárias e 6 trabalham mais de 12 horas por dia. Não responde-

ram a esse quesito 3 mulheres da amostra (100 mulheres profissionais).

As **condições de trabalho** são vistas como *regulares* (74 mulheres), *péssimas* (5) e *ótimas* (19). Não responderam a esse quesito duas profissionais.

No que diz respeito às **razões de entrada** (duas alternativas) no mercado de trabalho recifense, 79 respostas apontam a *necessidade financeira* da família; 31, a *satisfação pessoal*; 35, a independência das mulheres de seus maridos; duas respostas para encontrar pessoas; duas, por passatempo; três para fugir da rotina; 3, por outras razões. Não responderam à questão duas mulheres.

Com relação à **influência do trabalho extradoméstico feminino**, constata-se que ele interfere primeiramente na própria *mulher profissional*: na variável *cansaço*, 35 (das 100 mulheres) se sentem *mais ou menos* cansadas; 53 se sentem *muito e bastante* cansadas e apenas 10 se sentem *pouco cansadas e descansada*. Conclui-se que o trabalho extradoméstico feminino é cansativo mais ou menos, muito e bastante para 88 (das 100) delas. Mas não é tanto o trabalho extradoméstico que causa insatisfação conjugal e familiar (pois ele dá até muito prazer na amostra!), e sim o *cansaço* advindo do trabalho extradoméstico feminino. Duas mulheres não se pronunciaram sobre isso.

Elas são, em sua maioria, mulheres *cansadas*, mas *realizadas* por terem um trabalho fora com o qual ajudam financeiramente suas famílias, entre outras razões.

De fato, ninguém pode negar que o trabalho fora cause a mulher, mas esse trabalho fora também influi na **felicidade pessoal** da mulher profissional: 38 delas se sentem *mais ou menos* felizes; 49 *muito e bastante* felizes, 11 *pouco e de nenhum modo* felizes. Comprova-se, então, que a grande maioria das mulheres profissionais (87 das 100) se sentem *mais ou menos, muito e*

*bastante* felizes com o trabalho extradoméstico, não lhes sendo tanto um fardo, como apontam outras pesquisas, mormente norte-americanas. Duas mulheres não responderam a essa questão. A mulher recifense profissional é, portanto, uma mulher cansada, mas feliz!

O trabalho extradoméstico feminino interfere também na *pessoa do marido*, especialmente no **relacionamento global** do casal (satisfação conjugal e familiar): 32 mulheres (e 58 maridos) afirmam que o trabalho fora favoreceu *mais ou menos* o relacionamento; 44 mulheres (e 74 maridos) afirmam que o trabalho extradoméstico favorece *muito e bastante* o relacionamento do casal e somente 22 mulheres (46 maridos) declaram favorecer *pouco* ou *de nenhum modo* o relacionamento conjugal e familiar. Isso confirma, mais uma vez, que o trabalho extradoméstico para a maioria (76 mulheres de 100 e 130 maridos dos 178) é *mais benéfico*, e não tão maléfico, se se soma o “mais ou menos” com o “positivo” (muito e bastante positivo), sendo uma percepção também do cônjuge masculino. Duas mulheres não responderam ao quesito.

O trabalho feminino fora de casa, no entanto, interfere não só na pessoa da *mulher* e do *marido* mas também no **relacionamento com a criança**. Desses casais de dupla carreira, 40 mulheres (e 58 homens) declaram que o trabalho fora favorece *mais ou menos* a relação dos pais com o filho pequeno; 21 mulheres (e 47 maridos) declaram que favorece *muito e bastante* e 37 mulheres (e 69 homens) afirmam que favorece *pouco* ou *de nenhum modo* o relacionamento dos pais com o bebê. Isso confirma, em sua maioria (61 mulheres e 105 homens), que o trabalho extradoméstico do casal de dupla carreira favorece *medianamente* (quase mais) o relacionamento com a criança e, conseqüentemente, a satisfação conjugal da jovem família recifense.

A **vida do casal** (satisfação conjugal), como um todo, é vista como sendo **favorecida** pelo trabalho extradoméstico por 87 (das 100) mulheres e 151 homens (dos 178) que o vêem como favorecendo  *muito e bastante*; por 9 mulheres (e 19 homens) como favorecendo  *mais ou menos* e por duas mulheres (e 6 homens) como favorecendo  *pouco* ou  *de nenhum modo* a vida do casal. Fica novamente patenteado que o trabalho extradoméstico é muito  *benéfico* aos  *cônjuges* e à  *família*, apesar do cansaço que provoca aos cônjuges recifenses de dupla carreira.

A **guarda do bebê**, enquanto os casais trabalham, também traz  *preocupação* e  *angústia*, mormente para as mães, como afirma a Pesquisa de Polasky-Holahan (1998,388-401). Sobre o **tipo de guarda** dos filhos, 63,7% dos casais afirmam que seus filhos ficam em casa com parentes (avó, cônjuge e outros parentes), com outro tipo de pessoas (13,7%), com uma babá (7,6%), numa creche (2,2%), o que alivia um pouco a tensão das mães, já tão sobrecarregadas com o trabalho fora.

Portanto, pode-se dizer, de um modo geral, que o  *trabalho extradoméstico* da  *mulher recifense* traz  *mais benefícios* à vida pessoal, ao relacionamento conjugal e  *medianamente* ao relacionamento com a criança pequena, mesmo sobrecarregada com o  *trabalho doméstico*, que deve fazer em quase sua totalidade, e com pouca ajuda do marido, embora já haja maior participação, se comparada com a de anos atrás.

#### b) O trabalho doméstico da mulher recifense

A dicotomia do “self” feminino se dá não somente por causa da vivência de papéis duplos (no trabalho e em casa) mas também dos dois tipos de atividades que o casal (especialmente a mulher) deve realizar diariamente; o  *trabalho extradoméstico* e o  *trabalho doméstico*.

Na pesquisa já referida (Libório, 2001), 100 mulheres são profissionais (50 da classe baixa e 50 da classe média) e também fazem o trabalho doméstico e 100 mulheres 50 da classe baixa e 50 da classe média são *apenas* domésticas.

Participam do **trabalho doméstico** 181 das 200 esposas e mães; somente 3 delas se declararam não participantes; não responderam à questão 16 mulheres da amostra total.

Essa participação feminina no trabalho doméstico está diminuindo, especialmente da mulher (e casal) de dupla carreira, mas, assim mesmo, 105 mulheres (e 14 homens) ainda dedicam mais de 5 horas diárias ao trabalho doméstico, 51 mulheres (e 23 homens) dão de 3-5 horas diárias de trabalho doméstico e 25 mulheres (e 118 maridos) dedicam de 0-2 horas diárias ao trabalho doméstico, numa participação inversamente proporcional (quanto menos tempo, mais o homem participa!) no que diz respeito à ajuda masculina e feminina no setor *trabalho doméstico*.

No que diz respeito ao **trabalho doméstico** e à **satisfação conjugal**, o trabalho doméstico dá satisfação conjugal (relacionamento) *mais ou menos* a 79 mulheres (e 52 homens), *muito e bastante* a 77 mulheres (e 56 maridos) e *pouca ou nenhuma satisfação* a 34 mulheres (e 50 homens). É sendo mais satisfatório o trabalho doméstico para a mulher (156 das 200 mulheres) que para o homem (108 dos 200 maridos), o que óbvio culturalmente. Não responderam a esse quesito 10 das entrevistadas

#### c) O trabalho feminino e a vivência das variáveis existenciais

No que concerne às **variáveis existenciais** (realidade brasileira, Deus, religião, Igreja, valores etc.) da aludida pesquisa (Libório, 2001), as mulheres (194 das 200) afirmaram *crer em Deus* muito e bastante (os maridos 198). Seis mulheres não responderam a esse quesito.

*Fazem parte* de uma Igreja 147 mulheres (45, não), pertencentes mais à Igreja Católica (86), à Assembléia de Deus (20), à Igreja Batista (16) e à Igreja Evangélica (6). A *freqüência semanal* se dá com 66 mulheres; *mensal* (1-3 vezes) para 46 mulheres; *anual* (algumas vezes) para 63 mulheres e *nunca* freqüentam a igreja 9 delas. Percebe-se, pois, que há uma boa freqüência mensal às igrejas, ao redor de 50,0% (49,9%), talvez visto mais ao nível ideal que real. Não responderam ao quesito 16 das entrevistas.

A *simpatia* por sua Igreja existe, porque a Igreja vive a doutrina de Jesus (111), tem orações que aliviam a alma humana (88), é tradição familiar (41) e se preocupa com a justiça e os pobres (31), entre outras razões de somenos importância estatística.

A *indiferença* para com a Igreja existe quando ela pede muito dinheiro (75), fala de política (64), não se preocupa com a dimensão social do homem (63) e tem rituais longos e repetitivos (51), entre outras razões.

A *religião tem valor* (sentido) na vida dessas mulheres, porque une a pessoa humana a Deus (127), mostra o sentido da vida (70), ajuda a vencer os problemas da existência (76) e ensina o caminho do Bem (46), entre outras razões de menor importância estatística.

Os *valores* mais importantes da vida para essas mulheres são: o *amor* (97; homens, 82), a *saúde* (90; homens, 96), a *liberdade* (3) e a *esperança* (6), entre outros valores de menor importância estatística.

A percepção da *realidade brasileira global* é mais positiva para a mulher que para o homem: o Brasil está *mais ou menos* para 85 mulheres (80 homens), está *ruim* para 51 mulheres (63 homens), está *péssimo* para 39 mulheres (41 homens), *não tem futuro* para 22 mulheres (13 homens) e está *ótimo* para 3 homens. Não responderam 3 mulheres da amostra total (Libório, 2001, 388-390).

É importante observar como a *saúde* é vista por 46,5% (186) dos entrevistados (400): o primeiro valor das pessoas e das famílias sem o qual nada se pode fazer. Isso é bem típico de uma cultura de doença e morte, como a recifense e a brasileira.

Concluindo este item, pode-se afirmar que o *trabalho extradoméstico feminino* ( e também masculino) não é tão causador da insatisfação conjugal e familiar da jovem família recifense, mas antes a *situação econômica familiar*, que leva a mulher ao mercado de trabalho, com o acréscimo do *trabalho doméstico*, tornando-a *cansada, angustiada e ambivalente* em seu “self”. Tudo isso repercute negativamente no relacionamento (satisfação) conjugal e familiar.

## 2. 2 – O trabalho extradoméstico e a satisfação conjugal e familiar

A satisfação conjugal e familiar da jovem família recifense foi medida pelo Marital Satisfaction Inventory (MSI), de Douglas K. Snyder, que, com suas 242 afirmações, tenta, em 11 escalas, medir a satisfação conjugal e familiar da jovem família recifense.

As escalas são: convencionalidade (CO), insatisfação global (IG), comunicação afetiva (CA), comunicação para a solução de problemas (CS), tempo passado juntos (TJ), administração das finanças (DA), insatisfação sexual (IS), percepção de papéis (PP), dificuldades com a família de origem (DF), insatisfação com os filhos (IF) e conflito na educação dos filhos (CE).

De acordo com a *análise de variância* feita ao MSI, em suas 11 escalas que avaliam a globalidade da satisfação conjugal e familiar, o resultado está assim configurado, quanto ao *gênero* (M-F), *tipo de trabalho* (TED-TD) e *classe social* (baixa e média), levando-se em conta *somente as diferenças significativas* entre esses três fatores.

No fator **gênero** (M-F), o *trabalho extradoméstico* (TED) do jovem casal recifense afeta o marido *significativamente* (P.020) só na escala convencionalidade (CO) com a qual os maridos responderam aos quesitos mais em relação *ideal* do que ao *real*. Esses maridos pertencem mais ao trabalho extradoméstico (n.s.<sup>8</sup>) e à classe média (n.s.).

O trabalho extradoméstico feminino afeta *significativamente* as mulheres em sua satisfação conjugal e familiar em mais escalas, a saber: tempo passado juntos (TJ); tempo livre (P.013), pertencentes mais ao trabalho extradoméstico (n.s) e à classe baixa *significativamente* (P.031); PP: percepção de papéis:(P.003), pertencentes *significativamente* (P.001) ao trabalho extradoméstico e à classe média (P.001); DF: dificuldades com as famílias de origem (P.003), pertencentes mais ao trabalho extradoméstico (n.s.) e à classe baixa (n.s.) e CE: conflito sobre a educação do filho (P.022), pertencentes mais ao trabalho doméstico (n.s.) e *significativamente* (P.008) à classe baixa.

Noutras palavras, o *trabalho extradoméstico* da *jovem família recifense* afeta *significativamente*, quanto ao *gênero*, o homem somente numa escala (convencionalidade:CO) e mais a mulher, em 4 escalas: TJ: tempo livre; PP: percepção de papéis; DF: dificuldades com as famílias de origem e CE: conflito sobre a educação do filho.

No fator **tipo de trabalho** (extradoméstico ou doméstico), o trabalho extradoméstico *não* atinge *significativamente* o homem de nenhum tipo de trabalho (extradoméstico ou doméstico).

O trabalho extradoméstico da jovem família recifense afeta *significativamente* as mulheres do trabalho extradoméstico (P.001) na escala PP: percepção de papéis e as mulheres do trabalho doméstico (TD) (P.001) na IF: insatisfação no confronto com o filho.

Noutras palavras, no fator *tipo de trabalho* (extradoméstico-doméstico), as mulheres do trabalho extradoméstico são *signifi-*

*cativamente* atingidas em sua satisfação conjugal e familiar, na escala PP: percepção de papéis (P.001) e as mulheres do trabalho doméstico na escala IF: insatisfação no confronto com o filho (P.001).

No fator **classe social** (média ou baixa), o trabalho extradoméstico atinge *significativamente* (P.001) a satisfação conjugal e familiar da jovem família recifense de classe baixa em 8 escalas: IG: insatisfação global; CA: comunicação afetiva; CS: comunicação para a resolução de problemas; DA: administração financeira; TJ: tempo passado juntos; IS: Insatisfação sexual; IF: insatisfação no confronto com o filho e CE: conflito sobre a educação do filho.

O trabalho extradoméstico afeta *significativamente* (P.001) a satisfação conjugal e familiar da jovem família recifense da classe média somente na escala percepção de papéis (que provoca a dissonância do “self”). Percebe-se, assim, como os *casais* (mormente as *mulheres*) da *classe social baixa* do *trabalho extradoméstico* e do *trabalho doméstico* são os grandes penalizados nessa Amostra do Recife (Libório, 2001, 512-515).

A tabela a seguir mostra melhor a satisfação conjugal e familiar da jovem família recifense na pesquisa de 1999, no Recife.

Tabela 1 – A satisfação conjugal e familiar da jovem família recifense (1999).

Escalas	Gênero		Trabalho		Classe social		
	M	F	TED	TD	Baixa	Média	P
1 - CO	+					n.s.	.020
2 - IG					+		.001
3 - CA					+		.009
4 - CS					+		.009
5 - DA					+		.001
6 - TJ		+			+		.013
7 - IS					+		.001
8 - PP		+	+			+	.003
9 - DF		+			n.s.		.001
10 - DF				+	+		.001
11 - CE		+			+		.022

Fonte: Pesquisa de Campo, Recife, 1999.

Em síntese, segundo a análise de variância, as mulheres do trabalho doméstico da classe baixa são *significativamente* (P.001) mais insatisfeitas (em 8 escalas) em sua vida conjugal e familiar (pela carência de tudo!) que os homens e os casais do trabalho extradoméstico da classe baixa e média, com exceção das mulheres da classe média do trabalho extradoméstico, que são atingidas *significativamente* (P.001) no *gênero* (F), no *tipo de trabalho* (extradoméstico) e na *classe social* (média). Tudo isso é provocado pela sua cultura e consciência das implicações da vivência do duplo papel (classe média), que nutre um “self” ambivalente ante os múltiplos papéis (PP), precisamente a mulher, que, em geral, é muito mais sensível que o homem (gênero).

Eis, pois, em que fatores a jovem família recifense é afetada em sua vida conjugal e familiar, na luta renhida de cada dia por uma mais digna sobrevivência.

## Conclusão

A *jovem família*, inserida na cultura metropolitana do Recife, pelo fato mesmo de “estar inserida”, expressa, nos mais diversos âmbitos culturais, a riqueza e pobreza interiores de cada indivíduo (arte endógena) e do grupo social, encarnadas na arte e urbanismo *objetivos* (arte exógena), expressas nas *danças* (quadrilhas juninas, cirandas, forrós, pagodes etc.) e nas *canções* (populares e clássicas, regionais, nacionais e internacionais), *artesanatos* e *esculturas, construções, sistema viário, parques* e *praças* e outras formas culturais.

A *cultura urbana recifense* é a estratificação das energias que o indivíduo e as famílias empregam, ao se debruçarem sobre o meio-ambiente, na *busca* do cumprimento do dever, do prazer e da realização e na *fuga* da frustração, da dor e da

irrealização humana e familiar, nesse mundo econômico e cultural em que vivem.

A cultura, em geral, tem uma importância e uma abrangência ilimitadas, permeando os diversos âmbitos da vida humana e familiar com o “self” (identidade), a comunicação, a educação, a socialização, as artes, o direito, a política, a religião e o trabalho (extradoméstico e doméstico) com o qual a família recifense pobre tenta, a duras penas, sobreviver com ou sem sentido para a sua existência.

De fato, no dia-a-dia, constata-se que os traços de *identidade* do recifense são muito ricos, com uma abertura e comunicação fáceis, uma tolerância e flexibilidade ímpares e uma sensibilidade e sensualidade à flor da pele, apesar de a situação econômico-financeira e psicossocial estar embotando essas ricas características, devido a uma “esperança cansada” que descamba nos diversos modos de uma violência já generalizada.

A situação econômico-financeira familiar, de fato, tem levado, nas últimas décadas, as mulheres antes domésticas ao mercado de trabalho por *necessidade financeira* (87,4%), *satisfação pessoal* (35,3%) e *independização do cônjuge* (marido: 16,2%), entre outras razões. E o trabalho extradoméstico feminino tem proporcionado *felicidade* a ambos os cônjuges, principalmente à mulher, embora muitas horas diárias trabalhadas, as condições de trabalho e o exíguo salário a tornem *estressada* (muito e bastante), *dicotômica* (na vivência dos múltiplos papéis) e *angustia-da* (angústia psicológica) no jogo entre o *ideal* e o *real* de ser mãe, esposa e profissional (dupla carreira), numa cultura recifense, marcadamente machista.

O *trabalho extradoméstico* (TED) é tão *benéfico*, que, *significativamente* ( $P = .001$ ), só a mulher profissional da classe média tem uma *dissonância* do “self” por causa da *percepção* da vivência de seus *múltiplos papéis* (PP: esposa, mãe, profissio-

nal). Deve-se essa dissonância, provavelmente, à sua maior *cultura*, que aguça a *consciência* no atinente às conseqüências (em casa e no trabalho) do vivenciar dos múltiplos papéis.

O *trabalho doméstico* (TD) não é tão realizador nem para os homens, nem para as mulheres, especialmente para a mulher somente *doméstica* (e a *profissional*) da *classe baixa*, que tem sido afetada *significativamente* ( $P = .001 - .022$ ) em 8 (das 11) escalas de D. K. Snyder, a saber: insatisfação global (IG), comunicação afetiva (CA), comunicação para a resolução de problemas (CS), administração financeira da família (DA), tempo livre (TJ), insatisfação sexual (IS), insatisfação no confronto com os filhos (IF) e conflitos na educação dos filhos (CE).

O homem, culturalmente tido como provedor econômico da família, não é afetado tanto, psicicamente, pelo trabalho extradoméstico e doméstico. Ele vêm, *significativamente* ( $P = .020$ ), nessa entrevista, os problemas profissionais e familiares mais no *ideal* que no *real* (convencionalidade: CO).

Sintetizando, a *mulher* da jovem família recifense de dupla carreira, inserida na rica cultura urbana recifense, apesar de ser uma *profissional feliz*, tem como estressores de seu ser a quantidade de horas diárias trabalhadas (somadas ao trabalho doméstico), o salário irrisório que recebe, a corrupção generalizada e a veiculação consumista da mídia com a relativização dos valores a criar uma defasagem entre o *mundo real* e o *mundo ideal*, que leva muitos membros da jovem família recifense para a violência com uma *distribuição forçada* de renda (com os roubos, assaltos, seqüestros, propinas etc.) ou para sobrevivência nas ruas, por causa da carência de tudo em casa e, às vezes, ante o reinado da violência estrutural intrafamiliar.

No entanto não sejamos pessimistas! Apesar de tudo, a grande maioria das famílias recifenses – nessa cultura multifacetada com proeminência do medo e da incerteza – continua corajosa e tenazmente a se curvar (biopsíquica e espiritual-

mente) sobre a realidade recifense, fazendo cultura e lutando, com denodo, por dias melhores para si mesma e para os filhos de seus filhos sem muito futuro pela frente.

É impressionante constatar – aonde quer que se vá (centro da cidade, praias, becos e esquinas e ruas) – um exército de pais, mães e crianças também pequeninas que tentam insistentemente vender alguma coisa a fim de trazerem, à noite, alguns trocados para casa e, assim, poderem *apenas* sobreviver a muito custo.

Isso se dá, especialmente, com as famílias das classes populares (pobres e miseráveis), já que as famílias de classe média estão um pouco mais abastecidas do essencial, bem diferentes das famílias da classe rica às quais nada falta em suas *gaiolas* (porque isoladas, protegidas, fechadas a sete chaves) quase sempre *douradas* (muita abundância de tudo, domínio do supérfluo e do luxo e, não poucas vezes, da arrogância, de prepotência e também do medo de ser assaltado). Como bem afirmaram Cristovam Buarque e Giuseppe Martinelli, em artigo intitulado “A desordem do progresso”:

“... não é raro que o pobre rico seja assaltado, antes de terminar o jantar, ou depois, na estrada a caminho de casa, sendo a viagem um susto durante o percurso todo para casa e, mesmo em casa, se sentem sobressaltados e em susto permanente, apesar de tanto dinheiro gasto com a sua segurança” (Buarque-Martinelli, 2001, 7).

É louvável, portanto, conhecer um pouco mais esse debruçar-se teimoso da (jovem) família pobre e da rica família sobressaltada sobre a terra e cultura recifenses, procurando, esperançosamente, tempos melhores num amanhã que, sem dúvida, começa aqui e agora, com uma justa partilha de bens e solidariedade de todos, neste limiar do terceiro milênio.

## Notas

- 1 No modelo Ciclo de Vida Familiar, a *jovem família* é a família, recentemente constituída, não importando tanto a idade cronológica. (Cf. CARTER, B.; McGOLDRICK, M. As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 17).
- 2 Do total dos domicílios da região Nordeste, 21,9 % têm linha telefônica; 80,3 %, rádio; 76,0 %, televisão e 4,3 %, microcomputador com bom uso de Internet (Cf. IBGE, **Tabulação avançada do Censo Demográfico 2000:** Resultados preliminares da Amostra. R. J., 2002, p. 83).
- 3 Cf. SHANNON-WEAVER, 1949.
- 4 “Conjunto não organizado de indivíduos que são percebidos em suas atitudes, representações e comportamentos (não a personalidade dos membros) de tipo *médio* e não necessariamente correspondentes a pessoas concretas, mas a formas mais primitivas e ínfimas da evolução orgânica” como afirma SIMMEL, G. *Forme e giochi di società*. Milano: Feltrinelli, 1983.
- 5 Doravante, a palavra “recifense” inclui também os habitantes de sua região metropolitana.
- 6 No Brasil, o salário da mulher da classe média é realmente *complementar* e muito necessário para folgar mais o orçamento familiar.
- 7 Este número (2) se baseia essencialmente nos Dados da Pesquisa de Campo, feita no Recife, para a tese de Doutorado do autor sobre a Psicologia da Família (visão psicossocial), na Pontifícia Universidade Salesiana de Roma, em março de 2001.
- 8 N.S. : Não significativo.

## Referências

BATESON, G. **Verso uma ecologia della mente**. Milano: Adelphi, 1976.

BATTRO, A. M. "Inteligência (Adaptação)", In: **Dicionário terminológico de Jean Piaget**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1978, p. 138-139.

BOFF, L. **Saber cuidar**. Ética do humano e compaixão pela terra. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BUARQUE, C. ; MARTINELLI, G. **A desordem do progresso**. O Globo, Rio de Janeiro, 12, fev. 2001. Caderno Opinião, p. 7.

CASSIRER, E. **Filosofia delle forme simboliche** (1923. II, p.57). Firenze: La Nuova Itália, 1961.

CHOMSKY, N. Alcune costanti della teoria lingüística. In: AA.VV. **Problemi attuali della linguistica: Regole e rappresentazioni**. Milano: Bompiani, 1980.

COMTE, A. Discorso sullo spirito positivo (1844). In: COMTE, A. **Corso di filosofia positiva, II**. Torino, UTET, 1967, p. 235ss.

CRANE, D. (org.). **The sociology of culture**. Oxford: Blackwell, 1994, p. 2.

CRANE, D. **La produzione culturale**. Bologna: Il Mulino, 1997, p. 54-55.

CRESPI, F. **Manuale di sociologia della cultura**. Roma: Editora Laterza, 1997, p. 22.

DURKHEIM, É. **La sociologie e l'educazione (1922)**. Roma: Newton Compton Italiana, 1971.

ELIADE, M. **História das crenças e das idéias religiosas**. Tomo I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. v. 1: das origens ao judaísmo. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 37.

FERREE, M. M. Family and job for the working-class women: gender and class systems seen from below. p. 289-301. In: GESTER-GROSS (Eds.). **Families and work**. Philadelphia: Temple University Press, 1987.

GALIMBERTI, C. (org.). **La conversazione**. Milano: Guerini, 1992.

GOFFMAN, E. **La vita quotidiana come rappresentazione** (1959). Bologna: Il Mulino, 1969.

GRAMSCI, A. **Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura** (1949). Roma: Editori Riuniti, 1971.

IBGE, **Censo demográfico 2000: características da população e dos domicílios-resultados do universo**. Rio de Janeiro: 2001, p. 279.

\_\_\_\_\_. **Síntese de indicadores sociais 2000**. Rio de Janeiro: 2001, p. 25-29.

\_\_\_\_\_. **Tabulação avançada do censo demográfico 2000: resultados preliminares da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002, p. 128-129.

JÚNIOR, J. C.; CINTRA, G. U. "Colligere" In: **Dicionário latino-Português**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, p. 229.

KOSLOWSKI, P. **La cultura postmoderna: conseguenze socio-culturali dello sviluppo tecnico**. Milano: Vita e Pensiero, 1991, p. 145.

LIBÓRIO, L. A.; DE ARAÚJO, V. L. Contribuição brasileira ao humanismo. In: NOGARE, P. D. **Humanismos e anti-humanismos em conflito**. 1. ed. São Paulo: Herder, 1973. p. 261-269.

LIBÓRIO, L. A. **O trabalho extradoméstico feminino e a satisfação conjugal da jovem família do Recife (PE)**. O ajustamen-

to conjugal na tríade. Roma, 2001. 642p. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Salesiana, 2001.

LUHMANN, N. **Sistemi sociali**. Bologna: Il Mulino, 1990.

MARX, K. Tesi su Feuerbach (1845). In: **Opere complete**. v. 10, 1977.

\_\_\_\_\_. Per la critica della filosofia del Diritto di Hegel (1843), In: **Opere Complete**. Roma: Editori Riuniti, 1976. v. III.

MAURER, R. Kultur. In: KRINGS et al, H. (orgs.) **Handbuch philosophischer Grundbegriffe**. München: Kösel, 1973, p. 823. V. III.

PARSONS, P. **Social structure and personality**. Glencoe: The Free Press, 1964, p.15ss.

\_\_\_\_\_. **Theory of society**. I. Glencoe: Free Press, 1961, p. 47.

PIAGET, J. La psychogenèse des connaissances et sa signification épistémologique (1975). In: PALMARINI, M. P. (org.). **Théories du langage: Théories de l'apprentissage**. Paris: Seuil, 1979.

\_\_\_\_\_. **Biologie et connaissance**. Paris: Galimard, 1967, p. 54.

POLASKY, L. J.; HOLAHAN, C. K. **Maternal self-discrepancies**, Interrole conflict, and negative affect among married professional women with children. *Journal of Family Psychology*, v. 12, p. 388-401, 1998.

PREZIA, B.; HOONAERT, E. **Essa terra tinha dono**. São Paulo: F.T.D., 2000, p. 164.

WEBER, M. **Economia e società** (1922), I-II. Milano: Comunità, 1961.

ZOLBERG, V. **Sociologia dell'arte**. Bologna: Il Mulino, 1994, p. 23-26.